Resenha do livro A agência humana e a força: emoção, conversão e resistência na judicialização da violência contra a mulher. Marco Julián Martinez-Moreno – Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2025. 420p.

Caio Cesar de Azevedo Barros[1]

Resenha: MARTINEZ-MORENO, M. J. *A agência humana e a força: emoção, conversão e resistência na judicialização da violência contra a mulher*. Rio de Janeiro,: Autografia, 2025. 420p.

Como podemos assistir aos recentes episódios de feminicídio e violência contra a mulher e nos movimentarmos enquanto sociedade para além dos afetos do ódio, repulsa e tristeza que nos atravessam? Quais são as circunstâncias e condições que levam um homem a estar em um contexto de violência contra a mulher? Como deve ser ouvi-los em sua tentativa aparente de justificar aquilo que nos parece absurdo e abjeto a priori?

Estas, entre tantas outras perguntas, são respondidas por Marco Julián Martínez-Moreno em seu recente e brilhante livro. A obra, intitulada "A agência humana e a força: emoção, conversão e resistência na judicialização da violência contra a mulher", teve sua primeira versão lançada em 2025. O autor nos brinda com uma profundidade, postura ética

[1] Doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ e mestre pela mesma instituição. Bacharel em Ciências Sociais pela UFRJ e licenciado pela UFF. Atualmente é professor de Filosofia e Sociologia e Coordenador Pedagógico do Ensino Básico no Cubo Global School. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia das masculinidades, antropologia dos gêneros, antropologia da casa, antropologia do dinheiro e antropologia das formas de apostar. Realiza pesquisa etnográfica em Realengo, Zona Oeste do Rio de Janeiro, desde 2016. E-mail: caiodeazevedobarros@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-5926-4954

e seriedade que deveriam ser acessadas por todos aqueles que desejam levar a sério a etnografia enquanto forma de olhar para os outros e os problemas do mundo (que também são nossos). Seja você interessado(a) ou não na temática que atravessa as violências de gênero, é perceptível a dedicação e empenho aplicados por Martínez-Moreno em seu livro, que resulta em uma obra teórica que já se constitui como um verdadeiro marco na literatura antropológica latino-americana, que se destaca pela articulação entre etnografia multissituada e teoria da pessoa.

O autor debruça-se sobre esta temática desde 2010, pelo menos, realizando uma etnografia multissituada que passeia entre Colômbia (seu país de origem), Brasil e México. É uma pesquisa de longo prazo, dedicação e fôlego, qualidades que se traduzem nas suas mais de 400 páginas. Mas é também um estudo no qual o autor se posiciona e se vulnerabiliza sem rodeios. Não é nada fácil empreender tal pesquisa, e ele nos revela isso, ao lidar com testemunhos tão fortes e pessoais que são expressos pelas testemunhas, vítimas ou agressores. O Capítulo 3 aprofunda essa experiência: o autor acompanha, na Cidade do México, um evento internacional no qual diversas pessoas vítimas de violências múltiplas tentam curar-se a partir da partilha de relatos que envolviam situações de desumanização extremas e do entoar de uma frase que parece marcar pessoalmente o autor: "*I am a survivor*". Essa frase-manifesto as desloca de uma posição objetificante para um lugar próximo à humanização, materializada na figura da vítima. O livro, em si, é atravessado por todos esses anos de pesquisa e vinculação afetiva, mas mais especificamente de sua tese de doutoramento, defendida em 2018 no Departamento de Antropologia Social da Universidade de Brasília.

Logo nos primeiros capítulos, Martínez-Moreno revela o desconforto por parte de alguns pares da academia em relação à sua temática de pesquisa. Como alguém, enquanto um homem, se interessa por um tema que parece ser tão repulsivo para alguns? Como alguém pode se prestar a ouvir aqueles que praticam violência contra suas companheiras?

Minha posição enquanto autor desta resenha, felizmente, se estende para além de um contato distante e frio com o livro de Martínez-Moreno, e pode ser expressa em algumas palavras. Acompanho, há alguns anos, suas contribuições para o campo da Antropologia (que já são muitas). Entre palestras, artigos e bancas de doutoramento, o autor posiciona o aparente desconforto que seu objeto de pesquisa traz a partir de uma interessante inflexão verdadeiramente antropológica: não seriam esses homens em situação de violência os

"selvagens" de uma determinada antropologia colonialista praticada entre os séculos XIX e XX? Acessar suas práticas e discursos não é, em nenhuma medida, concordar ou legitimá-las, mas nos orientar em direção a uma maior compreensão, para que assim, quem sabe um dia, tais violências de gênero se tornem incomuns. Sendo assim, o livro de Martínez-Moreno também é potente ao apontar as formas com as quais o Poder Judiciário promove a reflexão e sensibilização do dano causado a outrem por parte desses homens que praticam violência. É, em grande medida, uma obra que poderá nos ajudar a ajustar e avaliar as políticas públicas em torno da violência contra a mulher.

O livro está dividido em seis capítulos, e é composto de duas partes: na primeira, chamada "a agência humana", o autor se dedica, a partir de uma fina tessitura entre seu trabalho de campo e as teorias antropológicas pregressas, a compreender a antropologia da pessoa e de seus processos de formação. Numa escrita que dança com referências advindas desde o Renascimento, atravessadas pela teoria freudiana e pelas noções dumontianas de pessoa, Martínez-Moreno apresenta a sua etnografia. Realizada entre grupos reflexivos para homens autores de violência em cidades da América Latina, o autor demonstra como o processo de tomada de consciência da prática de violência por parte dos homens passa por uma necessidade de imersão na experiência emocional que se assemelha a uma conversão religiosa. Dentro deste contexto no qual o autor busca uma interpretação do que seria tal agência humana, ele se localiza mais proximamente dos estudos em torno da masculinidade. No entanto, como o autor se posiciona, as masculinidades são múltiplas e se expressam de maneiras muito diferentes entre si, sendo difícil apontar para uma única masculinidade estanque, também chamada de hegemônica.

Logo na introdução, o autor nos mostra que a implementação da Lei Maria da Penha (Lei nº. 11.340/2006) é vista como injusta por parte de alguns homens pelo fato de equipará-los a "bandidos", categoria limítrofe entre a humanidade e a desumanização em diversos contextos sociais brasileiros. Para alguns de seus interlocutores, autores de violência contra a mulher, vivenciar aquele contexto era também uma forma de equiparação categórica desses sujeitos, vistos enquanto párias por muitos na sociedade brasileira. É a partir do trabalho de pessoas como Aline, Thor e outros tantos citados na etnografia, que ministravam e conduziam esses grupos reflexivos, que o processo de conscientização, por meio da fala e partilha de situações semelhantes (que se assemelham a uma clínica psicanalítica), se dava. Como a etnografia se deu num longo período, Martínez-Moreno

consegue captar, inclusive, as disposições espaço-temporais da mutação política e social da sociedade brasileira. Percebemos, inclusive, como os "homens da Zona Sul" (região de alto poder aquisitivo na cidade do Rio de Janeiro) que participavam dos grupos eram lidos como inferiores (ou seja, dotados de uma menor potência masculina) perante outros sujeitos que estavam presentes em contextos semelhantes, mas que eram advindos de situações socioeconômicas subalternas. O autor consegue captar a diferença até mesmo em momentos nos quais alguém, que mira de longe, poderia imaginar um todo homogêneo e indiferenciado quando falamos da categoria homens.

Na segunda parte do livro, chamada de "A força", conseguimos perceber, a partir do Capítulo 4, como o projeto de nome *Melhor Pai* objetivava, desde o Poder Judiciário, transformar a cultura patriarcal em direção a uma consciência de gênero e um reconhecimento dos direitos humanos dos outros (a saber, as mulheres), numa tentativa de "colocar-se nos sapatos da outra" (Martínez-Moreno, 2025, p. 207). A força a que Martínez-Moreno se refere está disposta, majoritariamente, na consciência que esses homens que participavam desses grupos reflexivos de gênero (fosse de forma compulsória, por terem sido sentenciados pela Lei Maria da Penha; fosse de forma espontânea), tinham de seu poder de subjugar as mulheres das mais diversas formas. No entanto, em uma das partes primorosas desse mesmo capítulo (e aqui reside uma das virtudes da etnografia de Martínez-Moreno), o autor demonstra como, em algumas oficinas nas quais homens e mulheres participavam, estas últimas nomeavam de formas parecidas com os homens os episódios de agressão para com os filhos, por exemplo. Por mais paradoxal que pareça, os sentimentos que emergiam após os relatos de violência eram os de culpa, vergonha e tristeza. Somente uma etnografia de excelência consegue captar tais vicissitudes discursivas.

É no último capítulo que encontramos, a partir dos relatos de Herbert, a forma como as mutações políticas recentes na sociedade brasileira (materializadas na força do bolsonarismo) impactam a cosmovisão de alguns homens. Para ele, injusta era a Lei Maria da Penha, que agora o enquadrava enquanto um sujeito violento e agressivo. A cena relatada por Martínez-Moreno do testemunho de Herbert, diante de Aline, uma das organizadoras dos grupos reflexivos de gênero, é digna de uma sublimação catártica. Nessa tensão estrutural entre os gêneros (Salem, 2006), o autor consegue capturar a complexidade de uma determinada expressão de frustração masculina que é traduzida em violência contra outrem. Desde a perspectiva de Aline, ela tentava fazer com que o processo de tomada de

consciência por parte de Herbert fosse materializado em afetos, sobretudo no poder de um abraço. É o que mostra o vídeo da campanha reproduzido por ela durante um dos encontros e elaborado pela Rede de Desenvolvimento Humano (2013): "*quem ama abraça, fazendo escola*".

Dentro das cenas de acusações entre Herbert e sua ex-esposa, Izete, vemos como uma cena de violência (Gregori, 1992) é repleta de acusações sobre a condição mental de um ou de outro, de tensões que vão se escalonando e de discussões enredadas em torno dos ciúmes de ambas as partes e que envolvem os gastos com o dinheiro da própria família em prostituição (supostamente). Perante o juiz, Herbert se justificava e se defendia, responsabilizando sua ex-esposa por ser "uma doente de ciúmes [que] precisava urgentemente de tratamento psiquiátrico" (Gregori, 1992, p.333). Tudo isto acompanhado de um testemunho de um colega de trabalho de Herbert, Geraldo, que o definiu como um homem "tranquilo demais" (Gregori, 1992, p.334). É neste contexto, após Herbert relatar que ele próprio era testemunha de agressões de seu pai contra sua mãe em casa quando era criança, que ele parece cair em si, e um choro que comove a todos na sala (inclusive Aline) toma o espaço.

O livro de Martínez-Moreno é uma referência incontornável no debate atual sobre as violências contra as mulheres. O autor dispõe a observar e compreender homens que poucos antropólogos e antropólogas teriam estômago para etnografar, e o faz de maneira tão ética, séria e responsável. Ao olharmos a explosão de episódios de violências multifacetadas contra a mulher, faz-se necessário, mais do que nunca, compreender o que motiva tais homens em situação de violência a se sentirem autorizados para cometer tais atos. Minha hipótese é de que a obra de Martínez-Moreno estará, muito em breve, situada enquanto um dos clássicos contemporâneos para todos aqueles e aquelas que se interessam por uma etnografia que leve a sério as relações entre os gêneros e como elas se expandem para espaços que extrapolam o Poder Judiciário e a casa, lugar privilegiado de manutenção e reprodução da *patria potestas*.

Referências

GREGORI, M. F. Cenas e queixas. Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista. São Paulo: *Paz e Terra*/ANPOCS, 1992. 218 p.

MARTINEZ-MORENO, M. J. *A agência humana e a força: emoção, conversão e resistência na judicialização da violência contra a mulher*. Rio de Janeiro,: Autobiografia, 2025. 420p.

SALEM, T. Tensões entre gêneros na classe popular: uma discussão com o paradigma holista. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 419-447, 2006. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-93132006000200007.